

Salomão levantou do leito, mas sua razão estava despedaçada. Foi presa de horror quando refletiu sobre o que significava ser o eleito de Deus. Pressentiu que a intimidade do homem santo com Deus, a sinceridade do homem puro perante Deus, não era a explicação, mas a falta oculta era o segredo que explicava tudo.

E Salomão tornou-se sábio, mas não se tornou herói; e tornou-se pensador, mas não se tornou homem de oração; tornou-se pregador, mas não se tornou um crente; e ele podia ajudar a muitos, mas não podia ajudar-se a si mesmo; ele foi voluptuoso, mas não penitente; despedaçou-se, mas não se reergueu, pois o vigor da vontade se tinha extenuado contra algo que estava acima das forças da juventude. E ele foi agitado pela vida, sacudido pela vida, forte, sobrenaturalmente forte, isto é, frágil como uma mulher nos encantamentos audaciosos e nas descobertas maravilhosas da imaginação, hábil em explicar as coisas do espírito. Mas em seu ser estava posta a discórdia, e Salomão foi como o homem abatido que não consegue suportar o próprio corpo. Em seu harém sentava-se como um velho enfraquecido, até que o prazer despertava e ele gritava: "Mulheres, tocai o tamborim, dançai para mim!" Quando, porém, a rainha do Oriente veio visitá-lo, atraída por sua sabedoria, a alma dele estava rica e as sábias sentenças fluíam de seus lábios como a mirra preciosa que escorre das árvores da Arábia.

(5 de abril. Meia-noite.)

UMA POSSIBILIDADE

"Langebrø" (Ponte Longa) toma seu nome de seu comprimento; de fato ela é comprida como ponte, mas como distância é insignificante, do que facilmente nos convencemos ao atravessá-la. Chegando à

outra margem, em *Christianshavn*, parece que a ponte ainda é mais comprida, pois estamos longe, muito longe de Copenhague. Notamos imediatamente que não estamos mais em uma capital ou em uma residência real; as ruas, poder-se-ia dizer, carecem de ruído e animação; cremos nos fora de nosso elemento, das idas e vindas, da pressa onde se conduz sem distinção gente de todas as condições, arrancados à multidão ruidosa em que cada um contribui para o tumulto geral. Em *Christianshavn*, ao contrário, reina uma calma tranqüilidade. Parece que se ignoram aqui as preocupações que lançam os habitantes da capital em uma atividade rumorosa e febril, e a diversidade de homens e de coisas que faz a animação de uma grande cidade. Não é, aqui, como se a terra se movesse ou tremesse sob os pés; ela é firme, bem como a poderiam desejar um observador de estrelas ou um pesquisador de águas por amor a suas observações. Tenta-se em vão escutar a este "*poscimus*" [exigência] social da capital, onde é tão fácil deixar-se arrastar, onde se pode a cada instante desembaraçar-se de si mesmo, a qualquer hora encontrar lugar em um ônibus, em toda parte rodeado de condutores de energia; aqui nos sentimos abandonados, cativos do silêncio que isola cada um, e no qual é impossível evitar-se, e rodeados de não-condutores. Em certos bairros, as ruas são tão desertas que se ouvem os próprios passos. Os grandes armazéns não contêm nada e não produzem nada; pois o Eco é certamente um cordato habitante, mas em matéria econômica e financeira, nenhum proprietário tira partido dele. Nos bairros habitados propriamente ditos, a vida está longe de estar extinta, mas bem longe também de ser ruidosa, diríamos um vago ruído de gente que, ao menos para mim, faz pensar no silêncio povoado de zumbidos sobre os campos no verão.

Uma certa melancolia apodera-se logo de quem penetra em *Christianshavn*, pois é melancólico recordar-se entre os armazéns desertos, e a visão das ruas cheias de gente desperta a tristeza quando desco-

brimos apenas um quadro idílico de miséria e de pobreza. Atravessamos as águas para chegarmos lá e encontramos-nos longe, bem longe, exilados em um mundo onde mora um açougueiro que vende carne de cavalo; onde sobre a única praça não se ergue mais que uma ruína desde o incêndio que, ao contrário do que dizem as lendas piedosas, não devorou a vila inteira, poupando a igreja, mas consumiu o santuário deixando de pé a prisão. Encontramo-nos em uma pequena vila pobre onde somente o refúgio de pessoas suspeitas e uma especial vigilância da polícia nos recorda a proximidade da capital; o resto é bem como numa pequena cidadezinha; o calmo ruído das pessoas que se conhecem todas umas às outras, que aquele ali é um pobre diabo que, pelo menos um dia sim um dia não, faz seu serviço totalmente embriagado, ou aquele outro um desequilibrado, conhecido de todos, mas que cuida de si.

Há alguns anos, via-se, assim, no lado sul de *Overgaden over Vandet*, um homem alto e magro andar a passos medidos pela calçada, todo dia à mesma hora. A singularidade dessas idas e vindas não escapava em quase nada ao passante; o caminho que ele percorria era tão curto que até um estrangeiro tinha de notar que ele não entrava nas lojas e não passeava como todo mundo. Um observador atento veria neste modo de andar um exemplo da força do hábito. Um capitão de barco habituado a deambular pelo convés de seu navio encontra em terra um espaço de mesmo comprimento onde ele vai e vem em um passo mecânico; assim fazia este passante ou o “guarda-livros”, como o chamavam. Chegando ao fim da rua, ele manifestava a força do hábito: todo o contrário do movimento desencadeado por uma faísca elétrica, e fazia meia-volta; marcava um tempo de parada, quase como um soldado; imóvel, levantava o nariz ao vento, baixava de novo os olhos em direção ao solo, retomava em sentido inverso, etc.

Todo o bairro o conhecia; se bem que fosse uma mente fraca, jamais troçou-se dele; pelo contrário, as pessoas da vizinhança tinham por ele um certo respeito por causa da sua fortuna, de sua benignidade e de sua aparência avantajada. Seu rosto tinha esta expressão uniforme característica de certas espécies de loucura, mas os traços eram belos; ele tinha o feitio harmonioso e bem formado; seus trajes eram extremamente bem cuidados e até elegantes. Ademais, sua loucura não se manifestava mais claramente senão de manhã, entre as onze e o meio-dia, quando ele saía a caminhar desde a Ponte do Orfanato até a extremidade sul da rua. O resto do dia permanecia preso a sua triste inquietude, mas a testemunhava de outra forma. Conversava com as pessoas, fazia assaz longos passeios, interessava-se por milhares de coisas; mas das onze às doze não se podia a nenhum preço detê-lo, fazê-lo ir mais longe, obter dele uma resposta ou mesmo uma saudação, ele que era a polidez em pessoa. Esta hora teria para ele uma importância particular; tratava-se de um estado psíquico que se recobrava em intervalos regulares, como já se viu? Eu nunca o soube enquanto ele ainda estava vivo e, depois de sua morte, ninguém pôde esclarecer-me.

Pela consideração que lhe tinham, as pessoas do bairro lembravam a conduta dos hindus a respeito do louco, que consideravam como um sábio; mas elas tinham sem dúvida, em segredo, várias hipóteses acerca da causa de sua desgraça. Em se entregando em semelhante caso às suas suposições, os supostos espíritos prudentes traem tanta disposição à loucura, senão mais ainda à imbecilidade, que um de mente fraca; isto é visto assaz freqüentemente, como também a insensatez na qual põe-se fé em tudo o que diz um louco, ou inversamente, de ter como privadas de sentido qualquer de suas palavras, ainda que seguidamente ninguém seja mais hábil em dissimular um segredo do que um louco, o qual, de resto, mantém para propósitos desconhecidos uma sabedoria que faria honra à melhor inteligência. Assim se explica a apli-

cação em psicologia da opinião segundo a qual um grão de areia e o acaso decidem o curso da vida, pois temos a mesma maneira de ver quando, não descobrindo qualquer razão profunda para a loucura, consideramo-la como sendo explicada facilmente pela falta de toda causa; assim também, o artista medíocre crê que nada é mais fácil do que interpretar um papel de bêbado: isto é verdadeiro somente quando é certo que ele interpreta diante de um público digno de seu talento. Para retornar a nosso guarda-livros, ele era poupado da zombaria porque era amado; e se guardava tão bem em silêncio as conjecturas a seu respeito que eu jamais escutei senão uma. Pode ser, ademais, que não hajam ocultado outras, compraz-me crê-lo, e melhor me inclino a nisto acreditar a fim de evitar que uma suspeita obstinada na existência oculta dessas conjecturas traísse em mim uma disposição para a idiotia. Segundo a suposição em curso, ele esteve enamorado de uma rainha da Espanha - conjectura abortada, que nem mesmo levava em conta uma indicação muito notável nele. Com efeito, ele amava - e muito - as crianças. Fazia muito bem a elas. A elas, bem dizendo, consagrava sua fortuna. Também os desgraçados o amavam sinceramente, e grande número de mulheres recomendava, entre outras coisas, que os seus o saudassem respeitosamente. Mas de manhã, entre onze e doze, nunca respondia às saudações. Vi muitas vezes várias miseráveis passarem distantes dele endereçando-lhe uma saudação cordial e deferente; mas como ele não levantasse os olhos, afastando-se elas meneavam a cabeça. Era uma situação comovente, pois em um sentido curioso, ele exercia gratuitamente a caridade. O montepio toma seis por cento de juro, e numerosos ricos, afortunados, poderosos e seus intermediários junto aos pobres, se apossam por vezes de seus donativos por usura. Com respeito ao guarda-livros, porém, a pobre mulher não se arriscava de modo algum a ser invejosa de sua fortuna, ou a se ensombrecer por sua própria miséria, ou a sentir-se humilhada pela taxa que o pobre não paga em dinheiro mas expia com o corpo encurvado e a alma humilhada. Pois

ela sentia perfeitamente que seu alto e nobre benfeitor (como freqüentemente diziam os pobres) era mais desgraçado que ela, ela que recebia dele o dinheiro de que necessitava.

Entretanto não era só como uma ocasião para fazer o bem que lhe interessavam as crianças; elas lhe interessavam por elas mesmas, de um modo muito especial. Nem bem via uma criança, fora daquela hora entre onze e doze, a expressão uniforme de seu rosto se animava e refletia os mais diversos sentimentos. Ele a abordava, falava com ela e enquanto isso observava a criança com a atenção de um artista que não pintasse senão rostos infantis.

Isso é o que se podia ver na rua; mas quem visse o seu apartamento admirar-se-ia muito mais. Não é raro termos de um homem uma impressão bem diferente quando o vemos em sua casa ou em seu aposento do que quando o vemos na vida, e este não é o caso só no que concerne aos alquimistas e outros, que se ocupam das artes e ciências ocultas, ou aos astrólogos, como Dapsul von Zabelthau, que na sala de estar se parece com outros homens, mas que em seu observatório se cobre com um barrete pontudo e um manto de pele gris, com uma longa barba branca, e que afeta a voz de tal modo que nem sua própria filha pode reconhecê-lo e o toma por Papai Noel. Ah! descobre-se freqüentemente muitas mudanças quando se vê um homem em sua casa ou em seu quarto e se compara então o que ali aparece com o aspecto desse mesmo homem em sociedade. Não era este o caso do guarda-livros, e não sem assombro notava-se quanta seriedade havia no seu interesse pelas crianças. Havia reunido uma biblioteca bastante considerável, mas seus livros eram todos de fisiologia. Encontravam-se em sua casa as estampas mais preciosas, e ademais séries inteiras de seus próprios desenhos a mão. Ali se viam retratos nos quais se procurou fixar a semelhança, acolá uma série de figuras relacionando-se a um

mesmo tipo de semelhança, que permanecia como um resíduo enquanto todas as diferenças se atenuavam progressivamente; viam-se rostos executados seguindo-se as proporções matemáticas, quando então a modificação no conjunto causada por uma mudança dos dados era ilustrada num esboço de contornos marcados; viam-se rostos construídos a partir de observações fisiológicas e controlados por outros esboços que se baseavam em hipóteses. As semelhanças de família e as conseqüências dos laços de hereditariedade lhe interessavam mais particularmente, sob os pontos de vista da fisiologia, da fisionomia e da patologia. Pode-se talvez deplorar que seus escritos não tenham sido publicados; porque é bem verdade que ele estava louco, coisa que me foi confirmada mais tarde, mas um louco não é o pior dos observadores quando sua idéia fixa se torna um instinto de descobrimento. Um observador movido pela curiosidade vê muitas coisas; um observador movido pelo interesse científico merece todas as honras; um observador movido por certas preocupações vê o que outros não vêem; um observador enlouquecido, porém, é talvez o que mais vê, suas observações são mais agudas e perseverantes, assim como os sentidos de certos animais são mais finos que os dos homens. Só que, evidentemente, suas observações precisam ser depois verificadas.

Quando ele se ocupava com sua investigação apaixonada como, em geral, a qualquer hora exceto entre onze e doze, não era louco aos olhos de muita gente, se bem que era precisamente então que a loucura o dominava com maior força. E como na base de toda investigação científica se encontra um "x" a determinar ou, visto de um outro ponto de vista, como aquilo que entusiasma a investigação científica é uma pressuposição eterna cuja certeza demanda à observação sua confirmação, da mesma forma a sua paixão que o consumia tinha um "x", que procurava a lei exata da semelhança hereditária, a fim de chegar cada vez mais perto da conclusão; sua paixão tinha assim uma pressu-

posição à qual sua imaginação conferia a seus olhos a triste certeza de que esta descoberta lhe confirmaria algum fato triste que lhe concernia.

Ele era um filho de um modesto funcionário, que vivera em circunstâncias apertadas. Cedo ele se empregara no comércio junto a um dos mais ricos negociantes da cidade. Calmo, reservado, um pouco acanhado, ele atendia o seu trabalho com uma inteligência e uma pontualidade que logo fizeram o patrão ver nele um auxiliar muito útil. Ele consagrava seu tempo livre à leitura, ao estudo de línguas estrangeiras, ao cultivo de um talento marcado para o desenho e à visita cotidiana aos pais, dos quais era filho único. Dessa forma ia levando a vida na ignorância do mundo. Sua situação de empregado de escritório era boa e logo ganhou ordenados bem consideráveis. Se é verdade, como dizem os ingleses, que o dinheiro faz a virtude, também é certo que o dinheiro faz o vício. O jovem, entretanto, ignorava as tentações, e à medida em que os anos iam passando tornava-se cada vez mais estranho ao mundo. Ele de nada se apercebia, pois seu tempo estava sempre tomado. Só uma única vez assomou em sua alma um vago pressentimento: ele tornou-se alheio a si mesmo, ou sentiu-se como um homem que se detém de súbito e se dá conta de que deve ter-se esquecido de alguma coisa, sem poder compreender o que era, - mas deve ter sido alguma coisa. E, com efeito, ele havia esquecido de ser jovem, de entregar seu coração às alegrias da juventude enquanto estava em tempo.

Travou então conhecimento com dois outros empregados do comércio, gente mais vivida. Logo notaram sua falta de jeito, mas por outro lado seus conhecimentos e suas capacidades lhes inspiraram um tal respeito que eles propriamente jamais o fizeram perceber sua fraqueza. Eles também o convidavam por vezes a participar com eles de pequenas festas, breves excursões, uma noite no teatro; ele aceitou e gostou. Aliás, seus companheiros indubitavelmente não saíam perden-

do com sua companhia, pois seu constrangimento punha um freio saudável à diversão dos outros, que ele impedia de degenerar, e sua pureza dava ao divertimento um traço mais distinto do que eles estavam decerto habituados. Mas o acanhamento não é uma potência capaz de se manter e se fazer respeitar, e talvez fosse por causa daquela melancolia que por vezes se apoderava deste rapaz pouco informado do mundo, e que se rebelara contra ele, ou talvez fosse por outra razão? O fato é que um passeio pelo bosque foi acabar num jantar de brilho extraordinário. Alegres como já estavam, os dois outros não viram em seu constrangimento senão um incitamento; e o sentimento penoso que experimentava daquilo, por seu turno, tomou sobre ele o efeito de um incitamento que atuava sempre mais forte à medida que o vinho aquecia os espíritos. Depois, os outros o arrastaram com eles - e na exaltação ele tinha se tornado um homem completamente diferente - e ele estava em má companhia. Eles visitaram então também um daqueles lugares onde, coisa singular, compra-se com dinheiro a desonra de uma mulher. O que ali se passou nem ele mesmo ficou sabendo.

No dia seguinte, ele estava de mau-humor, descontente consigo próprio. O sono havia borrado suas impressões, mas ele guardou uma lembrança suficiente para impedi-lo para sempre de procurar a companhia, mesmo quando decente, destes amigos, para nem falar de sua má companhia. E se ele era esforçado antes, agora se aplicou ainda mais ao trabalho, e a dor de ter sido desencaminhado por seus amigos, ou de ter tido tais amigos, tornou-o ainda mais reservado, para o que contribuiu também a morte de seus pais.

Em contrapartida, junto ao diretor da casa onde trabalhava crescia o seu prestígio à medida que ele mostrava mais capacidade. Ele era a pessoa de mais confiança, e já se pensava em conceder-lhe uma parti-

cipação nos negócios quando ele adoeceu, e de doença grave. No momento em que estava mais próximo da morte e quando já estava quase entrando "na grave ponte da eternidade", uma recordação despertou subitamente, uma recordação daquele acontecimento que, até ali, propriamente nem existia para ele. Na recordação, este acontecimento tomou uma determinada figura que encerrava sua vida com a perda de sua pureza. Curou-se, mas quando abandonou seu leito de enfermo levou consigo uma *possibilidade*, e esta possibilidade o perseguiu, e ele perseguiu esta possibilidade em sua investigação apaixonada, ela incubava em seu mutismo, e essa possibilidade imprimia aos traços de seu rosto um movimento complexo quando via uma criança, - e essa possibilidade era de que um outro ser lhe devesse a vida. E o que ele buscava em sua aflição, o que fez dele um velho ainda que fosse apenas de idade madura, era este ser desventurado, ou a questão de saber se este acaso existia. E o que o enlouqueceu foi o fato de que todos os caminhos ulteriores para chegar à sua descoberta lhe estavam vedados, visto que aquela dupla cuja companhia o corrompera havia partido para a América há muito tempo e desaparecido; e o que tornou sua loucura tão dialética foi que nem sequer sabia se tudo não seria uma seqüela da enfermidade, uma alucinação febril, ou se a morte havia vindo realmente em seu socorro com uma lembrança da realidade. E eis que tudo isso acabou levando àquele curto passeio que ele fazia entre onze e doze, cabisbaixo, para durante o resto do dia seguir o imenso rodeio de todas as sinuosidades desesperadas da possibilidade, a fim de achar se possível uma certeza, e com isso o que procurava.

No entanto, no começo podia ocupar-se dos assuntos do escritório. Era exato e pontual como sempre. Podia consultar o livro principal e as cópias, mas por intervalos parecia-lhe que tudo isto era trabalho perdido, e que ele tinha outra coisa muito distinta que consultar. Examinava as contas de fim de ano, mas por intervalos, quando pensa-

va em suas contas enormes, essas ocupações lhe pareciam uma piada.

Então morreu o diretor da casa, deixando atrás de si grande riqueza; e como havia querido ao guarda-livros como a um filho, dado que ele mesmo não tinha filhos, instituiu-o herdeiro de sua fortuna como se seu filho fosse. E logo depois o guarda-livros fechou as contas e se tornou um homem da ciência.

Agora desfrutava de *otium*. Sua inquieta recordação não teria se convertido, talvez, em uma idéia fixa, se a vida não tivesse agregado uma circunstância acessória que é às vezes o decisivo. O único parente que lhe restara era um homem velho, primo de sua mãe já falecida, que era chamado o primo *κατ'εξοκην* [sem mais], um solteirão, para junto do qual ele se havia mudado depois da morte de seus pais, e em cuja casa comia todos os dias, coisa que seguiu fazendo depois que a casa de comércio fechou as portas. O primo se comprazia com certa espécie de ditos equívocos que se ouve pronunciar das pessoas velhas mais do que dos jovens, o que é psicologicamente fácil de explicar. Se é certo que uma palavra simples e ingênua, que permanece quando tudo já foi ouvido e quase tudo esquecido, pode tomar, na boca de um velho, uma importância que de outro modo carece, é certo também que uma ambigüidade, uma palavra leviana, na boca de um homem de idade avançada, pode facilmente produzir um efeito perturbador, sobretudo em um estado de espírito como aquele do guarda-livros. Entre as tiradas às quais o primo retornava sem cessar, estava uma verdadeiramente exaustiva: Ninguém, nem sequer um homem casado, podia saber com segurança quantos filhos tinha. Enfim era algo que estava na natureza do primo. Ademais, era muito querido, o que se chama de um bom companheiro, amigo de alegres companhias, só que as ambigüidades e o rapé eram para ele uma necessidade. Por isso não há dúvida de que o guarda-livros teve de agüentar muitas vezes o repertó-

rio do primo, inclusive o mencionado ditado, mas no fundo ele não o havia compreendido, nem sequer ouvido. Depois, pelo contrário, esta frase passou a ferir sempre seu ponto sensível, estava como que calculada para ferir justo onde residiam sua fraqueza e sofrimento. Seguiu em suas meditações, e quando as palavras do primo vinham temperar a conversação, esse toque acidental desenvolvia a elasticidade de sua idéia fixa, de sorte que se arraigava cada vez mais firmemente. O silêncio do homem fechado sobre si mesmo e o chiste do indiscreto trabalharam então aliados por tão longo tempo sobre o desgraçado, que por fim a razão se decidiu a se mudar, porque não podia suportar servir em semelhante casa. E o guarda-livros trocou a razão pela loucura.

Na capital há muito trânsito e barulho, em *Christianshavn*, pelo contrário, reina uma plácida tranqüilidade; ali não parece conhecer-se os objetivos e os desejos que conduzem os habitantes da capital a uma atividade tão agitada e também tão ruidosa; não parece conhecer-se as diferenças que constituem a base do movimento barulhento da capital. O pobre guarda-livros habitava em *Christianshavn*; ali, na linguagem da realidade, tinha seu domicílio; ali, no sentido poético, estava sua casa. Quer, porém, tratasse de penetrar a fonte desta recordação por meio de investigações históricas especiais, ou cansado de enormes rodeios de observações humanas gerais e apoiando-se somente em hipóteses falazes tratasse de transformar esse "x" desconhecido em uma grandeza específica, não encontrava o que buscava. Às vezes lhe parecia que o que buscava deveria estar muito longe; às vezes que estava tão perto que só sentia seu próprio esmagamento quando os pobres lhe agradeciam os ricos presentes que dava às crianças. Parecia-lhe que era como se cumprisse o dever mais sagrado, parecia-lhe que seria a coisa mais horrível do mundo que um pai desse esmola ao próprio filho. Por isso não queria que lhe agradecessem, para que o agradecimento não se tornasse uma maldição, mas tampouco podia deixar de dar. E as pessoas pobres

raramente encontravam um benfeitor tão nobre e generoso, uma ajuda em condições tão favoráveis.

Naturalmente, um médico experiente teria podido fazer muito, graças a uma consideração geral, para extirpar a primeira possibilidade que constituía a base de tudo; e mesmo que, acomodando-se para tentar de outra maneira, ele aceitasse aquela possibilidade como uma triste certeza, sua ciência médica teria ainda permitido extirpar a consequência dessa certeza por todos os meios possíveis e de tal forma que ela teria desaparecido aos olhares de todos - salvo ao demente, a quem um semelhante tratamento só poderia perturbar. Tais são os diferentes efeitos da possibilidade. Sua serventia é como a da lima: se o objeto é duro, lima-se a aspereza; se é flexível como um serrote, os dentes da serra tornam-se ainda mais agudos. Cada nova possibilidade que o guarda-livros descobria mais aguçava a serra da inquietude que só ele manejava, e sob cujo fio só ele sofria. De nada teria servido que alguém quisesse ajudá-lo.

Vi-o amiúde lá, quando passeava pela rua *Overgaden over Vandet*, e também o vi em outras partes. Uma vez, encontrei-o na confeitaria do bairro; logo soube que ia ali de quinze em quinze dias, à tarde lia os jornais, bebia um copo de "*punch*" e conversava com um velho capitão de navio que ia ali regularmente todas as tardes. O capitão aparentava uns setenta anos; tinha cabelos grisalhos, aspecto são e não-debilitado, toda sua aparência não demonstrava nenhum outro vestígio de vida agitada que não os que lhe deixara sua profissão de marinheiro, e provavelmente não tinha recebido outro. Não sei como haviam se conhecido estes dois homens, mas era uma amizade de confeitaria. Só se encontravam ali, falando ora em inglês, ora em dinamarquês, e às vezes até nas duas línguas misturadas. O guarda-livros era então um outro homem: entrava, saudava à inglesa - coisa que reanimava o velho marinheiro - e tomava um ar tão malicioso que mal se podia reconhecê-lo. Os olhos

do capitão não lhe serviam de muito, pois com a idade havia perdido a faculdade de julgar as pessoas por sua aparência. Assim se compreende como o guarda-livros, que não tinha quarenta anos e que ali precisamente parecia ser muito mais jovem do que em outros lugares, pôde convencer o capitão de que tinha sessenta anos, ficção que mantinha. O capitão, como ocorre com os marinheiros, havia sido um brincalhão em sua juventude, ainda que com toda a decência, pois sua expressão era tão digna e sua natureza tão amável que se ousaria perfeitamente garantir por sua vida e sua fanfarronice de marinheiro. Agora contava infatigavelmente histórias engraçadas de bailes públicos de Londres e das moças que lá poderíamos encontrar; e deixava este assunto para falar das Índias. Em seguida, brindavam no curso da conversação, e o capitão dizia: "Sim, isto era em nossa juventude, agora já somos velhos; talvez não devesse dizer nós, porque que idade me disseste que tinhas?" "Sessenta anos", replicava o guarda-livros, e logo brindavam novamente. Pobre guarda-livros! Esta era sua única compensação por uma juventude frustrada, e ainda esta compensação era como que uma consequência da seriedade que lhe inculcava tão pesadamente sua loucura. Toda a situação havia sido disposta de forma tão humorística, o engano dos sessenta anos se achava tão profundamente apoiado na língua inglesa, precisamente como elemento do humorístico, que o conjunto me permitia ver o quanto se pode aprender com um louco.

Por fim, o guarda-livros morreu. Esteve enfermo alguns dias, e quando a morte chegou para valer, e ele assumiu seriamente que tinha que pisar a ponte terrível da eternidade, a possibilidade se desvaneceu, pois depois de tudo só havia sido uma alucinação, mas seus atos o seguiram, e com eles a bênção dos pobres, e sua lembrança permanecia também arraigada na alma das crianças, dizendo-lhes o quanto havia feito por eles. Eu o acompanhei à última morada. Voltei de coche do cemitério, acompanhado do primo. Eu sabia que o guarda-livros havia

escrito seu testamento, e que seu primo estava longe de sentir-se ávido por dinheiro; permiti-me notar que era um pouco triste que, celibatário sem filhos, não tivesse família que pudesse herdar o que o outro lhe deixava em fortuna. Ainda que realmente emocionado por causa daquela morte, mais do que eu esperava, e ainda que produzisse melhor impressão do que eu supunha, não pôde, entretanto, abster-se de dizer: “Sim, meu querido amigo, ninguém, nem mesmo um homem casado, pode saber com segurança quantos filhos deixa.” O que me consolava era saber que se tratava de um adágio, coisa que ele ignorava; mas é triste ter semelhantes provérbios. Conheci muitos criminosos detidos que realmente melhoravam e que realmente adquiriram o sentimento de um destino superior; sua vida testemunhava isto e, no entanto, no meio de seus discursos plenos de seriedade acerca da vida religiosa, acontecia-lhes de se enredarem nas mais ignóbeis lembranças, e de tal modo que eles nem se apercebiam disto.

“*Langebrog*” (Ponte Longa) toma seu nome de seu comprimento; de fato, ela é comprida como ponte, mas como distância é insignificante, do que facilmente nos convencemos ao atravessá-la. Chegando à outra margem, em *Christianshavn*, parece que a ponte ainda é mais comprida, pois estamos longe, muito longe de Copenhague.

(5 de maio. Meia-noite.)

LEITURA EM VOZ BAIXA

PERIANDRO

Periandro era filho de Cípselo, da família dos Heráclidas, e depois da morte de seu pai tornou-se, ele também, tirano de Corinto. Dele se disse que falava sempre como um sábio e procedia constante-